



Associação Propagadora Esdeva
Centro Universitário Academia - UniAcademia
Curso de Arquitetura e Urbanismo
Artigo

SARANDIRANDO

As possibilidades de um Inventário Afetivo: Inventário Afetivo, identidade, memória e pertencimento em Sarandira

Amanda Dias da Cruz, Mariana Lanzoni Alvim, Pablo Corrêa Lima, Priscila Cristina da Silva Garcia, Roberta Maria de Oliveira Carvalho,

Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, MG

Milena Andreola de Souza

Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, MG

RESUMO

O Projeto de Extensão “SARANDIRANDO - Inventário Afetivo, identidade, memória e pertencimento em Sarandira” tem o objetivo principal a conhecer e compreender, a partir da realização de um Inventário Afetivo, o Distrito de Sarandira, pertencente ao Município de Juiz de Fora. A partir do entendimento e discussão dos conceitos de memória, identidade e pertencimento, colocados em contexto pela aproximação junto à comunidade de Sarandira e a observação de seu cotidiano, pretende-se criar uma metodologia própria de compreensão e autoaprendizagem da relação indivíduo-lugar em pequenas localidades. O contato com os moradores deverá fornecer, a partir de suas vivências, histórias, apropriações e percepções, material para um Mapeamento das afetividades do lugar. Por serem conceitos novos e singulares para o campo da Arquitetura e Urbanismo, o projeto de extensão se coloca como uma aventura pedagógica para pesquisadores e pesquisados, propondo a criação da metodologia usada enquanto aplicada *in loco*.

Palavras-chave: Memória. Identidade. Pertencimento. Inventário afetivo. Patrimônio modesto

1 INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão “Sarandirando: Inventário Afetivo, identidade, memória e pertencimento em Sarandira – MG”, desenvolvido no âmbito do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Academia desde o fatídico ano de 2020, em plena quarentena pela pandemia do Coronavírus que atingiu todo o planeta, mostrou-se como uma construção teórico-metodológica em meio a diversos desafios. O primeiro deles é óbvio e foi citado acima – a própria pandemia. A

princípio, ele foi entendido como um grave limite, uma vez que impossibilitou o deslocamento e o contato presencial em um projeto que era, em sua essência, dependente das relações interpessoais com a comunidade do Distrito de Sarandira.

O segundo desafio veio do próprio contexto da comunidade, conforme será explicitado abaixo, pela forma como ocorrem suas relações em cotidianas, independente das novas tecnologias digitais. No mundo atual e para o universo acadêmico, curiosamente, tal fato gerou um abismo entre as partes.

Por fim, a própria natureza das metodologias propostas mostrou-se desafiadora, uma vez que, ao basearmos as análises nos conceitos de afeto, memória e identidade, com a variedade e liberdade de possibilidades de documentação das atividades e do contexto social das comunidades envolvidas, mostrou-se muitas vezes complexa de se construir fora do meio em que será aplicada.

O principal objetivo deste projeto é realizar um “Inventário Afetivo” no Distrito de Sarandira, localizado em Juiz de Fora – MG, buscando os elementos culturais, sociológicos e espaciais que possam fornecer ferramentas para o desenho da identidade cultural local através das noções de memória e pertencimento. Tratando-se do universo de Sarandira, é importante compreender também o impacto das contribuições de projetos artísticos externos na percepção da comunidade a respeito da área urbana do distrito, sua paisagem cultural e hábitos cotidianos e sua influência nas relações com o meio.

Sarandira, antigo Sarandy, é um distrito ligado à produção cafeeira e leiteira de Juiz de Fora, que já foi bastante povoado e dinâmico, contando com um centro comercial movimentado, equipamentos urbanos importantes e uma população de cerca de 3.000 habitantes. Sua fundação remonta à revolução de 1842, quando foi fundada como povoado, tendo sido elevada à categoria de distrito 15 anos depois.

Ainda no final do século XIX, com a chegada das ferrovias em Minas Gerais propiciou um largo desenvolvimento da região, principalmente de Juiz de Fora devido à produção cafeeira e industrial e ao lugar estratégico que ocupava em relação à capital do país, Rio de Janeiro.

A condição geográfica também interferiu no desenvolvimento de Sarandira, mas negativamente: encravada em meio a altas montanhas, era afastada demais para receber os trilhos e tornou-se um povoado sem grandes perspectivas, distante do apogeu e riqueza do café.

Com isso, sua população diminuiu consideravelmente, tendo hoje, segundo relatos, 250 habitantes na área urbana. No entanto, a presença de alguns edifícios importantes da região, que por isso foram tombados pelo município de Juiz de Fora, ainda o demarca como um lugar culturalmente importante para a cidade.

O conhecimento e aproximação de Sarandira e o reconhecimento do seu movimento cultural, fizeram desta localidade o foco deste trabalho. A partir dos conceitos apresentados, o grupo de extensão busca na aproximação com a comunidade, encontrar um caminho – metodologia – para o desenvolvimento do trabalho de Inventário afetivo.

Abaixo, serão apresentados rapidamente os conceitos principais do projeto e o resultado das primeiras experiências de aproximação com a comunidade de Sarandira.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Conceitos Principais

O Inventário Afetivo pressupõe o conhecimento do lugar de forma condizente com seu contexto sociocultural a partir da observação e documentação de tudo aquilo que a comunidade, livremente, identifica como importante para sua formação, identidade e reconhecimento e que, exatamente por isso, busca recriar através da história oral e diversas outras formas de expressão.

Tal ferramenta é nova e baseia-se, inicialmente, no conceito de inventário criado no âmbito do Patrimônio Cultural, como descreve o Dicionário do Patrimônio Cultural do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional): “surgiram como modos de produzir um novo saber, por meio da coleta e sistematização de informações obedecendo a determinado padrão e repertório de dados passíveis de análises e classificações (...)”.

Uma vez explorada ao máximo as possibilidades técnicas dos Inventários, os técnicos de várias áreas (principalmente da antropologia, geografia, história e sociologia) entenderam a necessidade de uma participação mais efetiva das comunidades para os levantamentos uma vez que nem tudo pode ser dimensionado pelo olhar técnico. Desde 2000, com o estabelecimento do Registro de Bens Imateriais através do Decreto Nº 3.551/2000, um novo universo se vislumbrou no campo da preservação a partir da retomada das comunidades para o seu inegável

papel de protagonista nas definições e entendimento do que é de fato Patrimônio Cultural.

Na tragédia de Mariana, em 2015, quando parte o Município, em especial os distritos de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo foram soterrados pela lama da Mineradora Samarco, foi através do Inventário Afetivo realizado e publicado em vídeo pelo jornal O Tempo, que os moradores tiveram voz e espaço para resgatar e documentar de forma bastante singela e subjetiva, suas memórias do lugar onde viveram suas vidas e construíram suas memórias.

Assim, o Inventário Afetivo pode ser composto pela sistematização de dados coletados junto à comunidade afetivamente ligada ao lugar através de observação passiva, relatos orais, mapas afetivos e documentação de objetos e repositórios da cultura e da memória do lugar. As atividades devem estimular os laços de afetividade e pertencimento dos indivíduos respeitando suas individualidades.

Destaca-se aí a semelhança no sentido e nos objetivos do que chamamos aqui de Inventário Afetivo da metodologia que tem sido praticada atualmente no país de forma mais sistematizada, que é o Inventário Participativo. Segundo a geógrafa Simone Scifoni (2017),

As lutas sociais pelo patrimônio sinalizam para o direito à memória e, em consequência o direito ao patrimônio cultural. Para que estes se realizem é preciso que o patrimônio e a memória deixem de ser privilégio de determinadas classes sociais e se tornem aquilo que deveriam efetivamente ser, um direito de todos. Inseridos na perspectiva de cumprimento desse princípio fundamental, é que os Inventários Participativos se constituem como uma ferramenta de ação educativa voltada a democratização do patrimônio e dos processos de memorialização, alinhando-se a uma educação transformadora. Ao contrário de ensinar sobre um patrimônio escolhido pelo Estado de forma autoritária, seletiva e excludente, pois não contempla a todos igualmente, os Inventários Participativos constroem um caminho oposto, permitindo que os grupos sociais possam se reconhecer e escrever sua própria história.

O que diferencia um método do outro, apesar de ambos contarem com práticas e atividades semelhantes, como as entrevistas, é a necessidade do Inventário Afetivo de sistematizar minimamente o que for coletado livremente através do contato com a população. Ou seja, em algum momento, no Inventário Participativo, há a necessidade de que o material coletado seja codificado em dados que, sistematizados, trarão respostas para os questionamentos referentes à preservação do Patrimônio em questão.

No caso do Inventário Afetivo, o objetivo principal é a própria construção das memórias conjuntas da comunidade e sua documentação pela própria comunidade. O pesquisador, atua apenas suscitando, provocando e, muitas vezes envolvendo-se nestas memórias. Ele deve se colocar como quem busca relações entre linguagens e expressões diversas daqueles que estão sendo cartografados e através de sua sensibilidade as interpreta de maneira respeitosa e clara.

Por isso o conceito de afeto é tão importante para as definições dos vários agentes envolvidos no trabalho.

No dicionário Silveira Bueno, a palavra “afeto” é definida como um substantivo masculino que significa afeição, amizade, simpatia, paixão. Já “afetivo” é um adjetivo relativo a afeto, afetuoso, delicado, afeiçoado, carinhoso.

Pesquisando deliberadamente pela internet, encontra-se que o termo se originou da palavra latina *affectus*, que significa afeição ou “estar inclinado a”, que por sua vez tem sua raiz vinda de *afficere*, ou “fazer algo a alguém” correspondendo esse termo à uma ação: afetar.

É por meio da construção do afeto que se manifestam os sentimentos e as emoções de alguém para qualquer outra coisa, seja uma pessoa, seja um lugar.

Já o termo “lugar”, segundo YI-Fu Tuan (1983), funde-se ao conceito de espaço, uma vez que “espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”. Portanto, “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”.

Cabe, então, a percepção de que um espaço torna-se lugar quando afeta que o usa. E se o afeto refere-se ao sentimento, gera identificação e identidade, passa a ter um significado e, conseqüentemente, participa da construção das memórias individuais e coletivas daqueles indivíduos que o utilizam.

Desde o início do presente projeto de extensão, o conceito de memória foi o mais pesquisado, estudado, debatido e exercitado pelo grupo. Ao longo das visitas ao Distrito de Sarandira, é também o mais exercitado e percebido no contato com a comunidade.

Para Pollak (1989), é necessária a compreensão de que existe a memória individual e a coletiva e o que as caracteriza são os acontecimentos vivenciados pessoalmente ou através da coletividade. A memória também é constituída por personagens de um determinado grupo social. E, enfim, é construída por lugares onde estes acontecimentos e personagens se consolidam. Para ele, “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade”.

é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, M. 1992)

Segundo Pierre Nora (1993), “a memória é a vida”, pois é **afetiva**, mágica, múltipla, acelerada, coletiva, plural e individual. Ela se enraíza em qualquer substância, seja no concreto, no espaço, no gesto, enquanto história só se liga às continuidades temporais e às relações das coisas.

O contato com o Distrito de Sarandira e sua comunidade através da observação passiva e de conversas corriqueiras, propiciou o entendimento de que a memória e a identidade têm uma função fundamental para o reconhecimento desses indivíduos dentro deste lugar especificamente e que o estímulo às lembranças pode propiciar também uma autopercepção sadia de si mesmo e do seu lugar no mundo.

Dessa forma, foi possível compreender que quanto mais natural for o contato e quanto menos complexos forem os conceitos e suas aplicações, mais fidedigno será o registro das percepções destes moradores afetados pelo lugar Sarandira.

2.2 Metodologias correlatas: Mapeamento Afetivo e Cartografia Afetiva

Para realizar um trabalho tão complexo dentro de um campo tão objetivo que é a Arquitetura e Urbanismo, surgiu a necessidade de buscar em outras áreas como a antropologia e a geografia social, experimentos correlatos que permeiam o universo do afeto, da memória e da identidade. São eles o Mapeamento Afetivo e a Cartografia Sentimental.

Para CIASCA (2018), o método do Mapeamento Afetivo é baseado na elaboração de mapas afetivos que

objetivam representar como se revelam determinadas lembranças de algum indivíduo relacionadas a um local, evidenciando seus lugares da memória, como pontos que mais marcam uma pessoa na cidade, em seu cotidiano (VETTORASSI, 2014). Dessa forma, conseguimos apontar nessa representação os processos que envolvem a construção identitária dos entrevistados.

A definição do termo “cartografia sentimental” proposta por Suely Rolnik (2011) também contribuiu para a definição do campo a ser trabalhado. O termo “cartografia”

é retirado do campo da geografia, e significa registrar e acompanhar o desenvolvimento e mudanças da paisagem. O pesquisador, ou cartógrafo deve se manter aberto a todo assunto relevante para a elaboração dos registros.

Talvez as definições da Cartografia sentimental tenham sido as que mais se aproximaram da experiência até então vislumbrada pela equipe, como será descrito nos resultados e discussão, pela participação mais ativa do pesquisador pelo uso da sua sensibilidade para interpretar sutilmente o que é levantado no contato com os moradores de maneira respeitosa.

Para Laila Sandroni e Bruno Tarin (2014), o pesquisador insere-se na pesquisa tornando-se também um objeto de cultura e investigação, ao buscar relações entre o objeto e os entrevistados e interpretando subjetividades dos discursos recolhidos. Percebe-se aqui que ao elaborar e aplicar uma metodologia que inclui tais conceitos tão subjetivos, é impossível o distanciamento entre pesquisador e os atores da comunidade, sob o risco de alterar e prejudicar a leitura do que é apresentado de forma tão singela e particular.

3 METODOLOGIA

O grupo formado para o Projeto de Extensão contou com uma professora Orientadora e cinco alunos e ex-alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Academia.

Após a revisão bibliográfica e a pesquisa fotográfica e documental sobre os conceitos, métodos e sobre o Distrito de Sarandira, o grupo contou com a parceria com a Associação Carabina Cultural para auxiliar no entendimento da comunidade, nas visitas e na compressão do contexto sociocultural através dos registros audiovisuais produzidos pela Associação junto e sobre os moradores e suas memórias, e sobre o lugar.

A partir do entendimento dos conceitos básicos de identidade, memória e pertencimento (entrelaçado ao conceito de afeto), foi desenvolvida uma metodologia específica para este trabalho e esta comunidade, que parte de quatro fases: [1] aproximação e sensibilização; [2] observação e escuta; [3] atividades de reconhecimento e [4] coleta de dados e documentação. Tais fases envolvem pesquisadores e moradores através de interações progressivas com o objetivo de

produzir análises sobre relatos e percepções coletadas em situações de conforto e confiança.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo da metodologia explicitada acima, as duas primeiras fases junto à comunidade já começaram a ser implementadas.

A fase [1] de aproximação e sensibilização foi realizada no ano de 2021, ainda sob o contexto da pandemia de Coronavírus, e relatada no artigo “SARANDIRANDO: Inventário Afetivo, identidade, memória e pertencimento em Sarandira – A ‘Caixa de Memórias’”, publicado v. 7, n. 2 da Revista *Analecta*, do Centro Universitário Academia.

Inicialmente houve uma tentativa de aproximação através das redes sociais com a criação de um perfil do Sarandirando no Instagram para divulgar o trabalho e estimular um diálogo com a comunidade. Os pesquisadores descobriram uma comunidade virtual de Sarandira na rede social Facebook. Porém, a falta de adesão dos moradores às redes sociais fez com que as tentativas não obtivessem os resultados desejados.

A experiência permitiu um aprendizado importante sobre a comunidade, que se mostra tão diferente do universo acadêmico, especialmente dos alunos.

A segunda tentativa mostrou-se mais efetiva. Foi produzido pelo grupo um material que foi denominado “Caixa de Memórias”. Dentro de uma caixa bastante colorida tal qual um presente, foram enviados para os moradores através de uma pessoa de confiança deles uma carta de apresentação do projeto e objetos de memória, cartas e fotografias, dos pesquisadores apresentando-se e mostrando um pouco da sua vida e cotidiano. todos de cunho pessoal, apresentando-se à comunidade. Assim, mesmo sem o contato físico, foi possível apresentar de forma lúdica o que pode ser produzido pelos moradores na fase de coleta de dados, além de aproximar efetivamente e afetuosamente os dois grupos até então desconhecidos.

Já na segunda fase, de observação e escuta, foi possível ter uma percepção de como a “Caixa de Memórias” afetou a comunidade.

Nas idas a campo tem sido possível a aproximação com os moradores e percepção de como eles se relacionam o distrito, buscando compreender a dinâmica urbana e a cultura do lugar. Como forma de documentação destes momentos, foi solicitado aos

pesquisadores que produzissem Cadernetas de Campo descrevendo as experiências vivenciadas no lugar a partir da observação e contato informal com os moradores.

As cadernetas de campo tornaram-se os primeiros registros documentados do projeto. Apesar de se tratar da percepção dos pesquisadores, esses registros são importantes levando-se em consideração que, a partir da metodologia proposta, eles tornam-se agentes participativos do processo que devem envolver-se com o lugar e as pessoas e ter um bom conhecimento da dinâmica do lugar, como é possível verificar pelos trechos abaixo. Na primeira visita ao Distrito, a apreensão do lugar e o reconhecimento de tudo aquilo que era possível, até então, conhecer por fotos.

À medida que vamos caminhando pelas ruas de Sarandira, vamos conhecendo, sendo apresentados, a alguns moradores, as ruas estão pouco movimentadas, pois é hora do almoço (13h). Tivemos nossa primeira notícia sobre a Caixa. Suzana falou que a última notícia que teve é de que ela está com a Noemi – e a forma como ela falou “a última notícia” me deixou exultante! Era isso que queríamos: saber que a caixa está circulando por Sarandira.

Passamos pelo chafariz antigo, onde Suzana e Canela, junto com a comunidade criaram um mural artístico de tampinhas de medicamentos com a participação da comunidade. Tiramos umas fotos e pudemos ter uma noção do impacto paisagístico das residências criativas promovidas pela Carabina Cultural no distrito. Em um primeiro olhar (externo, nosso), não há impacto negativo. É tudo muito condizente com a realidade local. Vemos mobiliários de madeira crua, placas informativas e pinturas em algumas edificações. Andressa nos relata que algumas pessoas pintaram sobre as pinturas artísticas e parte da população consideram o projeto Sarandira Criativa importante e a Suzana uma redentora, pois é o que movimenta o lugar. Mas pudemos perceber que essa não é uma unanimidade. (SOUZA, Milena. Caderneta de Campo. 10/11/2021)

Um aprendizado importante foi acompanhar as pesquisadoras do grupo Sarandirando formado pelo curso de Psicologia do UniAcademia. Como tal grupo é mais antigo, podemos perceber a proximidade que têm com os moradores. Observar a forma como interagem com as pessoas é fundamental para pensar da abordagem do grupo da Arquitetura. Ouvir as memórias de alguns moradores foi impressionante.

As meninas da psicologia precisavam conversar com o irmão da D. Geni e ficamos observando. Logo chegou na casa a Valéria, filha da D. Geni, uma pessoa muito extrovertida, até teatral. Quando fomos apresentados, nossa surpresa é que ela nos reconheceu da Caixa! Falou que o que enviamos era “um trabalho maravilhoso, as casinhas, as histórias”. Que ficou muito feliz de “conhecer pessoas tão criativas, que ideia boa. É bom ver jovens assim”. A Valéria também contou algumas histórias sobre a D. Jovina e o relacionamento com a avó. Sarah gravou e podemos ter acesso ao material. Contou de quando ia dormir na avó, criança. Que chegava na casa, batia na porta e ficava ansiosa esperando pra abrir. Que tinha medo por causa do barulho do vento nas folhas das árvores “zuuuuuuu...”. Que a vó rezava

para todos os santos. Que a cama quebrou com o peso de tanto santo que a avó chamou! É uma pessoa muito engraçada. (SOUZA, Milena. Caderneta de Campo. 10/11/2021)

Partindo do princípio de que a forma como as pessoas se alimenta é parte da sua cultura, o momento do almoço foi especial de diversas formas. Foi possível exercitar a sinestesia ao combinar cheiros e sabores com as sensações de conforto e receptividade. Este foi o momento em que, talvez, o afeto tenha estado mais materialmente presente.

Após muitas conversas, entramos para a casa dos fundos onde seria o almoço e nos despedimos de Valéria, que disse que faz artesanato e que na próxima visita nos mostrará seu trabalho.

Já na casa dos fundos, subimos ao terraço onde encontramos uma vista linda das árvores e montanhas, uma mesa bem farta e bem bonita onde estava nosso almoço, a comida estava muito gostosa, principalmente a mandioca frita e salpicão. A dona da casa nós ofereceu uma limonada muito boa e sem perceber ficamos conversando sobre psicologia e arquitetura por mais de uma hora na mesa do almoço. (LIMA, Pablo. Caderneta de Campo. 10/11/2021)

Ao ler o caráter emocional dos relatos é possível perceber claramente que os objetivos da fase dois se entrelaçam com a sensibilização, objetivo da primeira fase.

Saindo das ruínas casa de Dona Jovina, passamos rapidamente no casarão de Sarandira, que está passando por restauro, podemos identificar seus sistemas construtivos de pau-a-pique, as pinturas decorativas de seus interior que foram descobertas durante processo de restauração, as esquadrias e pisos de madeira. Infelizmente a visita ao casarão foi rápida pois estávamos em nosso horário de voltar para o centro de Juiz de Fora. Pegamos a estrada muito encantados com o que presenciamos e conhecemos naquele dia, por volta de 17:30 saímos de Sarandira já com a expectativa de um retorno, uma visita mais demorada para descobrir novas histórias! (LIMA, Pablo. Caderneta de Campo. 10/11/2021)

Figuras 1 e 2 – Bens tombados de Sarandira



Fonte: Acervo do projeto. Foto: Mariana Alvim, Data 25/09/2022

Em uma nova visita para apresentar o lugar às três alunas que foram admitidas no grupo, percebe-se que apresentar Sarandira apenas a partir da materialidade não é suficiente. Por isso, a intenção de apresentar as tradições orais da região, aprendidas na visita anterior.

No sábado, 25 de setembro, nos deslocamos de Juiz de Fora até Sarandira, cujo trajeto levou em torno de 40-50 minutos. Estrada de acesso se dá pelo caminho que vai até Leopoldina, em que para acessar Sarandira, existe uma única placa indicativa que está localizada apenas na sua entrada principal. Nessa entrada podemos verificar uma estrada de chão contínua que possui poucas casas em sua extensão. Além das casas, possui alguns pontos de mata fechada em que circula uma antiga lenda, de que nesses locais específicos, é necessário que silenciamos, pois é um ato de respeito com os espíritos da floresta existentes ali. (GARCIA, Priscila. Caderneta de Campo. 25/09/2022)

Figura 3 – Mapa feito com base na visita



Fonte: Acervo do projeto. Produzido por: Mariana Alvim, Data 25/09/2022

Mais uma vez a participação ativa das alunas/pesquisadoras na tradição local fazendo um elo com suas próprias memórias e o contato com os moradores foi importante para o desenvolvimento do trabalho.

Em seguida retornamos a parte mais movimentada da cidade onde fomos ao bar do Marquinhos comprar “chup-chup” (estava muito calor). Após conversar um pouco com alguns moradores da cidade que antes estavam reunidos cantando e tocando no bar, fomos andar pelas ruas até onde era a casa da antiga parteira. No caminho foi possível ver a presença de mais 2 ou 3 bares que não estavam movimentados, e também um cheiro de almoço vindo das casas. Em uma dessas casas conseguimos ver inclusive o uso do fogão a lenha para preparar os alimentos. Algumas construções possuem pinturas e grafites que foram feitos em uma ação realizada com os moradores. (CRUZ, Amanda. Caderneta de Campo. 25/09/2022)

Figura 4 – Chafariz e pessoas utilizando mobiliário existente.



Fonte: Acervo do projeto. Foto: Mariana Alvim, Data 25/09/2022

E, enfim, a percepção e reflexão sobre as dinâmicas urbanas e sociais facilita a interpretação do lugar a partir da observação passiva.

Fomos então para a mina d'água, onde dizem que a água é milagrosa e que se você a beber não irá mais sair de Sarandira, para chegar nela passamos por um local onde possui alguns equipamentos para realização de atividades físicas, e depois pelo campo de futebol, ela fica dentro de uma mata, no local temos um altar e a mina em baixo dele.

Ao voltarmos da mina, levamos um susto, todas as pessoas que antes estavam reunidas animadas, tinham sumido, e um silêncio reinou na região, só sentíamos o cheiro de comida feita em fogão a lenha, era meio-dia e todos os moradores estavam em sua casa para o almoço de domingo. Terminamos nossa visita e retornamos para nossas casas, além da água milagrosa da mina, trouxe de Sarandira comigo novas visões e aprendizados, ansiosa para as próximas visitas (ALVIM, Mariana. Caderneta de Campo. 25/09/2022)

Figuras 5 e 6 – Placas indicando a Mina e pessoas utilizando mobiliário existente e a cidade vazia em seguida.



Fonte: Acervo do projeto. Foto: Priscila Garcia, Data 25/09/2022

É possível perceber que a comunidade tem se apropriado de espaços recentemente modificados por ações culturais e participativas desenvolvidas pelo projeto Sarandira Criativa, da Associação Carabina Cultural, enquanto espaços públicos tradicionais ficam vazios.

Como observado nas imagens e relatos, o Distrito de Sarandira parece alternar entre o existir e o não-existir. No entanto, percebe-se claramente através de seus lugares e das memórias das pessoas que sua cultura sobrevive e é importante para a comunidade como um todo. E é nessas idiossincrasias que ele se recria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O distrito de Sarandira, apesar de isolado geograficamente, tem um potencial cultural, humano e afetivo extenso, diversificado e potente em relação à sua identidade. Auxiliar os moradores a perceber e refletir sobre isso será uma experiência empoderadora para eles e um bom exemplo para a equipe do projeto e para a comunidade juizforana.

Para isso, a definição da metodologia a ser aplicada no Inventário Afetivo e o conhecimento do lugar a partir das relações de afeto colaboram para que o resultado do trabalho seja de fato uma contribuição para a comunidade como um todo perceber-se e orgulhar-se de quem é.

ABSTRACT

The Extension Project "SARANDIRANDO - Affective Inventory, identity, memory and belonging in Sarandira" has the main objective to know and understand, from the accomplishment of an Affective Inventory, the District of Sarandira, belonging to the Municipality of Juiz de Fora. Based on the understanding and discussion of the concepts of memory, identity and belonging, placed in context by approaching the community of Sarandira and observing their daily lives, it is intended to create a methodology of understanding and self-learning of the individual-place relationship in small places. Contact with residents should provide, based on their experiences, stories, appropriations and perceptions, material for mapping the affectivity of the place. Because they are new and unique concepts for the field of Architecture and Urbanism, the extension project is a pedagogical adventure for researchers and researched people, proposing the creation of the methodology used while applied in loco.

Keywords: Memory. Identity. Belonging. Affective inventory. modest heritage

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO CARABINA CULTURAL. **Pré Levantamento Turístico de Sarandira. Sarandira Criativa - Plano de Desenvolvimento do Turismo de Sarandira.** Belo Horizonte, 2019.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes. O caminhar como prática estética.** São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2013.
- CIASCA, Kaian Nóbrega Maryssael Ciasca. **Memória, Identidade e Território - Mapas Afetivos Como Indicadores De Hábitos Culturais.** Revista do Centro de Pesquisa e Formação / Nº 6, junho 2018.
- FOSCARINI NETO, P. **O Distrito de Sarandira: mudanças e permanências na paisagem.** 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.
- MOTTA, Lia; REZENDE, Maria Beatriz. Verbetes: Inventário. **Dicionário do Patrimônio Cultural.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/> Acessado em: 20/10/2020.
- NORA, Pierre et al. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História, v. 10, 1993.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965 – 1995).** São Paulo: Cosac Naify, 2a. ed. rev., 2013, p. 444 – 461.
- POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos, v. 2 n. 3: Memória. FGV: Rio de Janeiro, 1989. P. 3-15.
- _____. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, v. 5 n. 10. FGV: Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212.
- PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. **Plano Diretor Participativo de Juiz de Fora.** Disponível em: <http://www.planodiretorparticipativo.pjf.mg.gov.br/>. Acessado em: 20/10/2020.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental.** 2a impressão, Editora Sulina – Editora UFRGS: Porto Alegre, 2011.

SANDRONI, Laila; TARIN, Bruno. **Limites e possibilidades da cartografia afetiva enquanto método de pesquisa nas ciências sociais**. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Natal/RN, Agosto/2014.

SCIFONI, Simone. **Inventários Participativos como direito memória e ao patrimônio cultural**. Anais do V Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa. São Paulo: IEB/MAC/USP, 2017.

SOUZA, Milena Andreola *et al.* Sarandirando - Inventário Afetivo, identidade, memória e pertencimento em Sarandira – A “Caixa de Memórias”. **Revista Analecta**. v. 7, n. 2. Juiz de Fora: Centro Universitário Academia. 2021.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.